CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
2 e 4 de novembro de 2026

NO GREATER GLORY / 1934

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Jo Swerling, segundo um romance de Ferenc Molnar / Fotografia: Joseph August / Música: Louis Silvers / Montagem: Viola Lawrence / Intérpretes: George Breakston (Nemecsek), Jimmy Butler (Boka), Jackie Searl (Gereb), Frankie Darro (Feri Ats), Donald Haines (Csonakos), Christian Rub (Guarda), Ralph Morgan (Pai), Lois Wilson (Mãe), Egon Bretcher (Racz).

Produção: Columbia / Cópia: digital, preto e branco, versão original, legendada eletronicamente em português / Duração: 73 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 4 de Maio de 1934 / Inédito comercialmente Portugal.

No Greater Glory antecede na carreira de Borzage o **Little Man, What Now?** com o qual tem muitos pontos em comum, embora seja evidente que a aproximação se poderá fazer melhor com **Three Comrades**. Alargando o critério poderia mesmo falar-se de uma trilogia que incluía ainda **The Mortal Storm**, todos tendo por campo de fundo os problemas políticos e sociais da Europa central, nos territórios desmembrados ao antigo Império Austro-húngaro.

Borzage foi um dos primeiros realizadores a toca no fundo da Depressão económica que se abateu nos EUA nos anos 30, e em **Little Man, What Now?** terá sido o primeiro americano a expor no cinema o clima de instabilidade, desespero e revanchivismo que iria arrastar a Europa para outra trágica aventura bélica. Há, sem dúvida, **All Quiet on the Western Front** de Milestone, mas tratava-se basicamente de um filme anti-belicista nascido de traumas ainda não superados da primeira guerra mundial, e era, essencialmente, um filme "de guerra". Anterior a **Little Man...**, **No Greater Glory** surge, no começo de 1934, um ano após a tomada do poder pelos nazis na Alemanha, como o primeiro filme em que de forma clara se expunha os efeitos de uma mentalidade militarista e a contaminação de todo o corpo social pelos ideais e rituais das forças armadas, o culto da farda e o espírito bélico. O livro de Ferenc Molnar (já várias vezes adaptado ao cinema), publicado em 1907 no seu país natal, a Hungria, denunciava a disseminação desse espírito e desses cultos entre a infância, num país e num tempo em que envergar uma farda, fosse qual fosse, ou quem quer que fosse, lhe trazia o respeito e adulação pelo que significava de promoção social. Em 1925, Murnau expusera esse estado de coisas na sua obra-prima **Der Letzte Mann** e ao tempo da publicação do livro era a Alemanha abalada pelo riso provocado pelo episódio herói-cómico do "Capitão" de Kopenik, um pobre diabo que, envergando uma farda de capitão, conduz um grupo de soldados à tomada da Câmara da cidade (episódio adaptado ao cinema por, entre outros, Helmut Kautner).

Se o filme não teve o êxito previsto, a razão está na dificuldade que o povo americano tinha em compreender aquela mentalidade peculiar e também pela política de avestruz em relação aos acontecimentos na Europa, que a crise que atravessava apenas parcialmente explica, sendo outra das razões o isolacionismo a que se entregava. O filme aparecia, naturalmente, como uma história esquisita sobre estranhos jogos de crianças a brincarem às guerras. Só anos mais tarde, já em vésperas de conflito ou nele mergulhados, outros filmes vieram

denunciar esse estado de espírito, acompanhando outra obra-prima de Borzage, **The Mortal Storm**.

Brincar às guerras é um dos entretenimentos das crianças, que prolongam sistemas de educação em que a Pátria é um valor inquestionável, parte de uma trindade sagrada (Deus, Pátria e Família) pela qual se sacrifica a própria vida quando o é exigido. Não há maior glória ("no greater glory") do que morrer por ela. Isso é o que nos transmite logo no início o sermão do professor aos alunos, eco de discurso idêntico em **All Quiet on the Western Front**. Só que Borzage o utiliza de forma diferente, porque se vai também servir para denunciar esse espírito, por contraste, ele surge imediatamente a seguir ao seu contrário, um discurso pacifista pronunciado de forma exaltada pela mesma pessoa nas trincheiras de batalha. A forma como a transição é dada atesta, de imediato, como a memória é fraca, e Borzage actualizando o filme, denuncia o espírito revanchista que então já dirigia o recém nascido "Reich dos mil anos". Os dois grupos de jovens em confronto lutam por um "domínio territorial", e o seu símbolo maior é a bandeira: tudo anda à volta do seu roubo e a "declaração de guerra" tem como objectivo a sua recuperação. Mas se até aqui uns e outros parecem mais dois vulgares bandos juvenis (antecipando tantos filmes sobre gangs de "teenagers" dos anos 50), já a continuação apresenta formas mais inquietantes (que hoje também se manifestam nalgumas formas de grupos). Se o grupo dos "Rapazes da Rua Paulo" com as suas fardas e quipés, disciplina rígida e regulamentos militares nascidos das prédicas do professor e da leitura de tácticas de guerra, evocam de imediato os "camisas castanhas", o grupo oposto não é menos inquietante, com as suas lanças e rituais no meio do jardim botânico, impregnados de uma mitologia ariana, que mostram que Borzage tinha mais atenção pelo que se passava no mundo do que os seus compatriotas. Dmytryk no seu **Hitler's Children** encena uma impressionante sequência de iniciação numa clareira que parece influenciada pela de Borzage.

No seu "jogo" as crianças vão reproduzir os conflitos que tiveram lugar, mas também são a matéria-prima de que os novos se alimentarão. O velho mutilado de guerra, porteiro no "campo de batalha" é a voz do destino ao interrogar-se durante o "bombardeamento" sobre o seu futuro. Reproduzem tácticas (incursões de "espionagem" em território "inimigo", regulamentos, disciplina, mesmo "sofisticadas" máquinas de guerra), obedecem ao mesmo espírito de caserna, respeitando e acatando os toques de clarim, não falta mesmo um "traidor" que informa o "inimigo", nem as punições e as honrarias. Tal espírito contamina de tal forma o jovem Nemecsek, que será a vítima dessa "no greater glory". E sobre o seu corpo de vítima terá então lugar o "armistício" numa cerimonio de arrepiar pelo que tem de premonitório de um futuro próximo.

Neste filme de crianças (?), os adultos estão praticamente ausentes. Fisicamente a sua presença é apenas a de instigador (o professor) ou de terno e sofredor vigilante (o porteiro, os pais de Nemecsek). Essa ausência não se deve apenas ao facto de que, no fim de contas, eles estão projectados no conflito que entre os garotos tem lugar, mas adquire também uma forma mais dura de denúncia. É o esquecimento tão rápido do próprio drama (a referida sequência inicial com o professor) que permite a sua reprodução imediata.

Diferente, nem por isso é menos um filme de Borzage, marcado também por essa visão do mundo que ultrapassa os limites do real, e pela sua fidelidade às formulas do melodrama, como testemunha a sequência de Nemecsek na cama doente com as sucessivas visitas e as alucinações que o vitimam e o levam para o fim, e a impressionante sequência final após a "batalha".

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico